

A economia decepciona

O Brasil está inquieto. A origem dessa inquietação é econômica e resulta da enorme frustração à que todos fomos submetidos, com o fracasso da política econômica da Nova República. Há hoje um clima generalizado de descrédito, idêntico ao registrado durante os governos passados, em que a população, à margem do processo participativo, vê com indiferença — na melhor das hipóteses — e até oposição — geralmente — a sucessão de medidas tomadas e impostas pelas autoridades. O país, desgovernado economicamente, depositou as esperanças na política. Mas há no ar nova ameaça de frustração.

A Assembléia Nacional Constituinte foi apresentada, levemente, como a solução automática dos problemas nacionais. Dessa circunstância, outra não poderia ser a consequência, que não a nova frustração alimentada pelos brasileiros, ao perceber que os deputados e senadores — com honrosas exceções — estão divididos por questões menores, muitas vezes alheias aos interesses nacionais. *Tem havido muita politicagem.*

Exemplo de politicagem foi a votação da condição dos senadores eleitos em 1982 — se constituintes, ou não. Viu-se, no voto aberto e exposto, gente que optou pela rejeição dos senadores de 82 mais por demagogia do que por convicção.

O voto de 15 de novembro foi o voto da renovação. Câmara e Senado renovaram-se em quase 70%. Esse sinal da sociedade, de que quer não apenas mudanças, mas mudanças promovidas por novos homens e mulheres, não foi entendido pelo Parlamento. Os cargos continuam nas mãos dos políticos de ontem e é preciso ressaltar que não se é contra sua participação, e sim contra a ausência de maior participação dos novos.

Assim, frustrada econômica e politicamente, a sociedade, perplexa, dificilmente se submeterá à derrubada de sua mais recente esperança. Faz muito tempo que os brasileiros vivem de esperança e assistem essa esperança extinguir-se. Substituindo uma esperança por outra, o país se encontra, agora, sem uma perspectiva imediata, senão-a da Assembléia Nacional Constituinte.

As discussões sobre exclusividade, regimento, mesa diretiva etc, são naturais e até salutares. Fazem parte do exercício democrático do qual por tantos anos estivemos afastados. Mas o que os senhores constituintes precisam ter claro é que é preciso objetivar os debates e as conclusões, para agilizar as decisões. Brilhar é um direito de todo o cidadão. Mas brilhar sobre a expectativa da nação tem um limite e não pode ser um tolo exercício destinado a fortalecer os egos de alguns.

A economia decepcionou e os resultados aí estão. A política precisa resgatar sua credibilidade e, mais que isso, buscar soluções aos problemas criados pela má gestão econômica.